Capítulo 91

Contradições do mundo contemporâneo: a II Guerra Mundial

O conflito de 1939 a 1945 foi, este sim, uma verdadeira guerra mundial. Todos os continentes se envolveram, dada a existência de quatro *fronts*: Europa ocidental, Europa oriental, norte da África e Pacífico. Ficaram neutros apenas alguns países europeus e latino-americanos. As operações no Pacífico tiveram a mesma importância que as da Europa. A Inglaterra, por sua condição de ilha, foi o único país europeu que os alemães não ocuparam.

Os Estados Unidos garantiram a vitória dos aliados, por sua enorme produção industrial e participação militar; no Pacífico, guerrearam praticamente sozinhos contra os japoneses.

A União Soviética teve papel decisivo ao quebrar a espinha dorsal do exército nazista na Batalha de Stalingrado.

As novas tecnologias bélicas, como os bombardeios maciços, associadas à política de extermínio adotada pelos nazistas em campos de concentração e à decisão americana de inaugurar a arrasadora bomba atômica, fizeram dos civis as grandes vítimas. Os militares, mais bem nutridos e protegidos, podiam fazer retiradas estratégicas quando se viam diante de uma situação adversa.

1. As razões do conflito

O intervalo entreguerras não passou de uma trégua. A Grande Guerra apenas preparou a II Guerra Mundial. As nações vencedoras haviam adotado comportamento revanchista, especialmente a França em relação à Alemanha. Os vencidos, desgastados, sobrecarregados pelas indenizações e reparações devidas, não venciam seus problemas econômicos e sociais. Na Itália e Alemanha, o descontentamento fez surgir partidos totalitários, o fascismo e o nazismo, o que culminou na implantação de Estados militaristas e expansionistas, com forte apelo nacionalista.

Os tratados de paz impostos pelos vencedores só foram obedecidos enquanto a França mantinha a supremacia militar na Europa, garantida pelo desarmamento obrigatório dos vencidos. Com o rearmamento alemão, a revisão dos tratados teria de levar a novo conflito. A Sociedade das Nações, criada para resolver os conflitos, não atingiu seus objetivos. Faltou-lhe força militar para garantir a imposição de suas decisões. Faltou sobretudo apoio dos Estados Unidos. Ela se restringiu a garantir a paz imposta aos vencidos. A partir de 1932, sua ação ficaria mais difícil, por causa da crise de 1929.

Definem-se assim dois períodos bem demarcados nas relações internacionais: a fase de execução e consolidação das disposições constantes dos tratados e a fase do desmoronamento das decisões, por iniciativa da Alemanha.

No processo histórico, fica difícil encontrar um único responsável pela nova guerra. Mas foi decisiva a vontade de hegemonia de Hitler, de construir uma *nova ordem* conforme os princípios do nazismo, o que deu à guerra a dimensão de uma cruzada pela *nova civilização*. Dentro da crise mundial, as aspirações imperialistas desempenharam papel significativo. O governo nacional-socialista alemão, como executor da política econômica e nacionalista exigida pela poderosa classe industrial, preparou a guerra. O grande capital alemão exigia a participação na exploração do mundo colonial, com suas reservas de matérias-primas, pois a Grande Guerra havia distribuído as colônias entre os vencedores — Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Japão, Itália e Estados Unidos. Em segundo lugar, era preciso conquistar os mercados vizinhos da Europa central e controlar outras fontes de matéria-prima, fossem o petróleo da Romênia e do Cáucaso, o carvão e ferro da Silésia ou o trigo da Ucrânia.

As circunstâncias internacionais favoreceram a busca de tais metas: o mundo havia ficado pequeno para o enorme desenvolvimento industrial e as grandes potências competiam para obter mão-de-obra e matéria-prima mais baratas, bem como mercados para escoar sua produção e investir capital. A política das potências capitalistas em relação à União Soviética, ao impor-lhe um *cordão sanitário*, a fim de conter o avanço comunista sobre a Europa, também abriu espaço para a ação nazista.

2. As crises de 1930 a 1938

A partir de 1930, a situação internacional entrou em nova fase de tensão. Acabou o otimismo europeu, que vinha crescendo desde 1925. A quebra de 1929 acentuou os nacionalismos, voltou a inquietação. Os países europeus se dividiam em grupos mais ou menos afins:

- isolada, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;
- as democracias liberais, Inglaterra e França, junto com Estados Unidos;
- os Estados nazi-fascistas, Itália e Alemanha.

A aproximação dos grupos dependia dos interesses de momento. A situação começou a piorar com o expansionismo de alguns Estados. No Oriente, o Japão iniciou a conquista da Manchúria, no leste chinês, em setembro de 1931. Ali colocou um imperador títere. E passou a penetrar na China, governada por Chang-Kai-chek. A Sociedade das Nações protestou, mas o Japão se retirou da entidade.

Em 1935, desrespeitando o Tratado de Versalhes, a Alemanha reiniciou declaradamente sua produção de armamentos e restabeleceu o serviço militar obrigatório. Em 1936, ocupou militarmente a Renânia e ampliou para dois anos o serviço militar.

Hitler se aproveitava das questões internacionais para aumentar seu sistema de alianças. Aproximou-se da Itália; deu-lhe ajuda econômica durante o embargo aplicado pela Sociedade das Nações e efetivado por França e Inglaterra, como punição por ter invadido a Etiópia. Junto com Mussolini, apoiou Francisco Franco na Guerra Civil espanhola de 1936-39. Aproveitou para testar seus tanques e aviões. Assinou com o Japão o *Pacto Anti-Komintern*, em novembro de 1936, a fim de conter a União Soviética e a ação da Internacional Comunista. Hungria, Itália e Espanha aderiram.

Ao mesmo tempo, Mussolini proclamava o *Eixo Roma-Berlim*, manifestação de solidariedade que o *Duce* lembraria durante visita do *Führer* a Roma em 1938.

3. A escalada nazista

Estavam evidentes os objetivos expansionistas de Hitler. Em 1937, o *Protocolo Hossbach* revelava seus planos secretos de guerra, que visavam dar à Alemanha o *espaço vital.*

Na França, o desejo de manter a paz a todo custo levava a esquerda a aceitar as violações dos tratados, enquanto a direita admirava Hitler. A saída era apegar-se à Inglaterra, com uma política de apaziguamento que favorecia a expansão nazista. A União Soviética estava isolada. Os Estados Unidos, neutros. A Europa estava à mercê das ambições de Hitler. Ele podia agir à vontade.

Seu plano de expansão se organizava segundo etapas bem calculadas. No Ministério das Relações Exteriores, pôs o dócil Von Ribbentrop. No Alto Comando das Forças Armadas, o general Von Keitel. Destituiu Schacht do Banco do Reich e assumiu o controle ilimitado das finanças do Império.

Em 1938, o Führer anexou a Áustria, com a justificativa de que eram ambos povos germânicos. Antes da anexação (*Anschluss*) os nazistas assassinaram o chanceler austríaco Dollfuss, para dar motivo ao novo chanceler Seyss-Inquart de convocar tropas alemãs e unir os dois países, com a confirmação popular mediante plebiscito.

A seguir, Hitler exigiu a região dos Sudetos, na Tchecoslováquia, onde havia minorias germânicas. Os tchecos tinham um tratado de defesa com França e União Soviética e convocaram suas tropas. O ministro britânico Chamberlain, que considerava justas as pretensões de Hitler do ponto de vista histórico, fez duas visitas à Alemanha, sem êxito. Mussolini resolveu o impasse em setembro de 1938, reunindo na *Conferência de Munique* as quatro potências: França, Inglaterra, Alemanha e Itália. Ingleses e franceses cederam ao *apaziguamento* e permitiram a Hitler anexar os Sudetos.

Em março de 1939, Hitler desmembrou o resto da Tchecoslováquia; incorporou Boêmia e Moldávia como protetorados e proclamou a Eslováquia independente. O potencial bélico alemão cresceu bastante com a integração da indústria tcheca. Mussolini aproveitou e conquistou a Albânia. Os dois Estados totalitários consagraram sua aliança em maio de 1939, com o *Pacto de Aço*.

Com a questão polonesa, Hitler deu o último passo rumo à guerra. Em 28 de abril de 1939, exigiu da Polônia a devolução do corredor de Dantzig (futura Gdansk) e o direito de construir uma estrada ligando Alemanha e Prússia oriental. França e Inglaterra haviam abandonado a política

de apaziguamento. A Polônia sentiu-se encorajada a repelir a imposição alemã. Hitler contemporizou só até garantir a neutralidade soviética, conseguida com o *Pacto Germânico-Soviético* de não-agressão em 23 de agosto.

Na semana seguinte, em 1º de setembro, invadiu a Polônia, que tentou uma inútil resistência diante da guerra-relâmpago alemã, a *blitzkrieg*. A Inglaterra, aliada da Polônia, declarou guerra à Alemanha; a França, aliada da Inglaterra, também. A Itália se declarou não-beligerante e assim ficaria até 1940. A União Soviética dominou a Polônia oriental; e invadiu a Finlândia. Cumpria tratado assinado com a Alemanha em 28 de setembro, pelo qual recebeu o controle sobre Finlândia, Letônia, Estônia e Bessarábia; a Alemanha ficou com a Lituânia; a Polônia foi dividida em duas zonas de influência.

4. A ofensiva do Eixo

Em três semanas, a maior parte da Polônia estava conquistada. A Alemanha criou ali um governo-geral e passou a perseguir os judeus.

A mobilização de forças no leste imobilizou a frente germânica na fronteira francesa até maio de 1940. Enquanto isso, Hitler tentava dissuadir Inglaterra e França de continuar na luta. As duas tramavam minar os mares da Noruega para impedir o abastecimento de aço sueco aos alemães, através de Narvik. Sob o pretexto de garantir esse abastecimento, os alemães invadiram a Dinamarca em 9 de abril e a seguir a Noruega, onde estabeleceram um governo títere. O rei norueguês se refugiou em Londres.

A partir de 10 de maio de 1940, Hitler começou a ofensiva contra a França, revivendo o *Plano Schlieffen*, usado na I Guerra Mundial, evitando a linha defensiva francesa, a *Linha Maginot*; aqui, os Aliados esperavam conter os alemães por uns três anos, prazo em que desenvolveriam sua indústria bélica e em que poderiam contar com a entrada dos americanos no conflito. Os alemães, tal como na guerra de 1914-18, invadiram a Bélgica e a Holanda, para envolver os Aliados, que combatiam ao norte e foram obrigados a retirar-se para o porto francês de Adunquerque. A queda da resistência belga tornou crítica a situação: 270 000 ingleses e 100 000 franceses aguardavam a retirada em barcos ingleses, protegidos pela frota aliada, bombardeados pela aviação alemã. O material bélico deste exército caiu todo nas mãos do inimigo, que aprisionou 40 000 franceses. O episódio ficou conhecido como a *Retirada de Dunquerque*.

No sul, os alemães venceram a resistência francesa, obrigando o governo a fugir para Tours, depois para Bordeaux. Nessa época, Mussolini declarou guerra a ingleses e franceses.

A situação da França se agravava. Restava a alternativa de acordo com os alemães. Paul Reynaud, presidente do Conselho de Ministros, pretendia uma retirada para a Argélia, onde a esquadra intacta e outras divisões coloniais resistiriam com apoio inglês e americano. O marechal Pétain, herói da I Guerra, argumentava que não se podia abandonar o exército que ficaria na França; melhor seria um governo na própria França ocupada, a fim de proteger os cidadãos. Para os ingleses, seria péssimo, pois ficariam sozinhos — eles chegaram a propor uma união perpétua entre França e Inglaterra.

Em 17 de junho, o general De Gaulle, subsecretário da defesa nacional no governo de Reynaud, chegou à Inglaterra representando o governo da resistência francesa no exílio; pela Rádio BBC de Londres, esse governo estimulava os franceses a resistir. A propaganda nazista e o marechal Pétain chamavam De Gaulle e seus partidários de traidores.

Reynaud desistiu e Pétain foi encarregado de negociar o armistício com alemães e italianos. As condições eram duras para os franceses: redução do exército a apenas 100 000 homens; ocupação de uma região pelos alemães; a frota voltaria desarmada aos portos franceses; o sul ficaria sob controle francês, com capital em Vichy. A título de manutenção das tropas de ocupação, a França pagaria 400 milhões de francos por dia. O marechal Pétain conseguiu poderes ditatoriais e formou um governo autoritário.

Os ingleses não podiam permitir que a frota francesa caísse nas mãos de Hitler; os navios, somados à esquadra italiana e alemã, dariam à Alemanha condições de invadir a Inglaterra, até ali resguardada pelo canal da Mancha e por sua armada. Os ingleses aprisionaram a frota francesa e tentaram conduzi-la à Inglaterra. Encontrando resistência dos franceses, bombardearam e inutilizaram parte de sua esquadra, o que determinou a ruptura entre a Inglaterra e a França de Pétain.

A resistência inglesa dependia do abastecimento de víveres, matérias-primas e equipamentos, vindos sobretudo dos Estados Unidos. Os alemães passaram a atacar os comboios ingleses com seus couraçados, submarinos e aviões. Entre 1940 e 1941, os ingleses perderam mais de 9 milhões de toneladas, apesar do radar, do sonar e da ajuda americana.

A partir de 15 de setembro de 1940, intensificou-se a Batalha da Inglaterra. Durante oito semanas, os bombardeiros alemães despejaram sobre Londres, portos e aeroportos ingleses, 20 000 toneladas de bombas. Em outubro, passaram a atacar à noite, por causa do número elevado de aviões abatidos: a *RAF* (Royal Air Force, Força Aérea Real) tinha conseguido evitar a destruição de seu país.

No Mediterrâneo a situação também estava difícil para os Aliados: a Inglaterra conseguira algumas vitórias sobre a Itália, mas a aviação alemã obrigava-a a dar uma grande volta para abastecer suas forças no Egito e na Líbia. No norte da África, italianos e alemães comandados pelo general Rommel ameaçavam o domínio inglês no Egito.

No leste, os soviéticos conquistaram os países bálticos: Letônia, Estônia e Lituânia. Políticos pró-comunistas ganharam as eleições e pediram anexação à União Soviética, o que aconteceu em 1940. Os soviéticos tomaram depois a Romênia e a Bessarábia. Até então, a União Soviética havia anexado territórios com 23 milhões de habitantes, dos quais 13 milhões na Polônia.

Hitler voltou-se para o leste. Fez desmembramentos na Romênia em favor da Bulgária e da Hungria; mandou tropas à Finlândia, o que desagradou os soviéticos.

Em setembro de 1940, formou-se o *Eixo*: foi assinado o pacto Berlim-Roma-Tóquio. Cada país se comprometia a ajudar o outro em caso de ataque por potência ainda não envolvida no conflito. O pacto se dirigia aos Estados Unidos. Hitler forçou outros países a fazer parte do pacto: Hungria e Romênia entraram em 1940; a Bulgária, contra a vontade dos soviéticos, em 1941. A Iugoslávia se negou. Hitler aproveitou-se da derrota dos italianos ao tentar invadir a Grécia e atacou ao mesmo tempo Iugoslávia e Grécia, ocupando-as.

O plano alemão de vencer a Inglaterra pela tomada do canal de Suez, passando pela Espanha e norte da África, falhou porque o ditador espanhol Francisco Franco não permitiu a passagem de tropas germânicas por seu território.

Hitler voltou-se novamente para o leste. Propôs aos russos a partilha do mundo em zonas de influência: eles receberiam o Irã e o golfo Pérsico e fariam parte do Eixo. Os russos aceitaram, mas queriam também a Bulgária e o controle dos estreitos que dão entrada ao Mar Negro. Hitler recusou.

Em 22 de junho de 1941, o exército alemão iniciou a invasão da União Soviética.

5. Guerra total (1942-1945)

O presidente Roosevelt ia pouco a pouco convencendo o povo americano de que a América não podia continuar neutra. Em fins de 1941, dirigiu a economia para a produção de guerra: aviões, navios e carros de combate. A mobilização atingiu 8,8 milhões de homens. Os americanos forneceram aos ingleses vários equipamentos e criaram um sistema de empréstimos para pagamento depois da guerra.

Em outubro de 1941, Roosevelt encontrou-se com Churchill a bordo do *Augusta*. Eles combinaram que, se os americanos entrassem na guerra, centrariam esforços contra os alemães.

Os japoneses precipitaram a entrada dos Estados Unidos na guerra, ao bombardear a base naval de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. As relações entre os dois países estavam tensas havia tempos. O Japão tinha ocupado posições no Sudeste Asiático antes pertencentes à França, com o que pretendia apoiar a ocupação da China, iniciada em 1931. Os Estados Unidos responderam com um bloqueio econômico, cortando o fornecimento de produtos estratégicos ao Japão; depois congelaram os saldos bancários japoneses nos Estados Unidos.

O general Tojo, partidário da guerra contra os Estados Unidos, tomou a iniciativa, imaginando que de um só golpe, profundo, aniquilaria as forças americanas no Pacífico. Em 11 de dezembro, Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos, de acordo com o pacto do Eixo. O Japão, entretanto, não declarou guerra à União Soviética, mantendo-se fiel ao pacto de não-agressão firmado com os russos.

Em todos os países ocupados pelos nazi-fascistas, organizava-se a resistência. Associa-

ções clandestinas, nacionalistas, procuravam paralisar o inimigo por sabotagem e ataques de surpresa. Esses movimentos foram importantes na França, Iugoslávia, Polônia e Grécia.

A ofensiva alemã sobre a União Soviética foi fulminante. No fim de 1941, o exército soviético havia perdido um terço dos homens. Mas os alemães não tinham previsto o *general Inverno*. Os soviéticos, acostumados ao gelado inverno de seu país, organizaram a contra-ofensiva em 1942. Transferiram para o interior, para além dos Montes Urais, as indústrias pesadas voltadas para a produção bélica. Ao mesmo tempo, recebiam equipamentos americanos através do Irã.

Fustigados pelo frio, os alemães foram contidos em Stalingrado em 1942. A feroz resistência russa obrigou um exército inteiro a render-se. A *Batalha de Stalingrado* pôs fim ao mito da invencibilidade alemã. O contra-ataque soviético continuou até 1944 e conquistou diversos países-satélites da Alemanha: Romênia, Hungria, Bulgária, Finlândia, um a um foram pedindo a paz.

No Atlântico, os Aliados começaram a virar o jogo por uma maior eficácia contra a guerra submarina alemã; e no ar também, graças ao aumento da produção americana. A Alemanha passou a sofrer bombardeios intensos: em 1943, 120 000 toneladas de bombas; em 1944, 650 000; em 1945, 500 000 (em 1940, os alemães haviam jogado 37 000 toneladas de bombas sobre a Inglaterra). Os recursos industriais alemães começaram a sofrer sérios danos.

No norte africano, o *Afrika Korps* de Rommel havia empurrado os ingleses até o Egito. Em 1942, o general inglês Montgomery iniciou a ofensiva contra os alemães; ao mesmo tempo, chegavam os Aliados. As colônias francesas da África foram obrigadas a entrar na guerra, contra a vontade do *governo colaboracionista* de Vichy. Até maio de 1943, os Aliados tinham varrido os alemães e italianos da Tunísia.

Os Aliados então invadiram a Itália, pela Sicília. A resistência foi pequena. O *Grande Conselho Fascista* afastou Mussolini e entregou o poder ao general Badoglio. A seguir, Mussolini foi preso. Os italianos assinaram um armistício e os alemães invadiram Roma, pondo em fuga o rei e Badoglio. Mussolini, dominado pelos alemães, proclamou a República Social Italiana. Em abril de 1945, tropas da resistência capturariam Mussolini e o executariam. Os Aliados reconquistaram Roma e avançaram até o norte, onde os alemães ainda conservavam o vale do Rio Pó.

Após metódica preparação, os Aliados abriram nova frente contra os alemães na França, desembarcando na Normandia e na Provença, pelo Mediterrâneo. A maior concentração já vista de navios de guerra transportou tropas e equipamentos de portos ingleses, pelo canal da Mancha, e rumou a Caen. Os alemães esperavam em Pas-de-Calais, para onde haviam deslocado suas forças.

A aviação aliada bombardeou pontos estratégicos e a resistência francesa fez o trabalho de sabotagem para impedir a reação alemã. No dia 6 de junho de 1944 começou o desembarque. O célebre *Dia D*. Os Aliados avançaram até libertar a França.

A Alemanha estava envolvida por todos os lados. Na frente ocidental, os Aliados, especialmente americanos e ingleses, penetravam pelo norte, centro e sul, cruzando o Reno rumo a Berlim. Na frente oriental, poderosamente armados, os russos abateram as divisões alemãs e cercaram Berlim.

Um contra-ataque alemão em Ardenas (França) fracassou. Hitler se refugiou em Berlim em seu *bunker*. Himmler, sem consultá-lo, ofereceu uma paz parcial aos Aliados, não-aceita. Goering pediu para assumir a direção do Reich. Em 29 de abril, Hitler escreveu seu testamento político. Expulsou Goering e Himmler do partido e nomeou o almirante Doenitz presidente do Reich e Goebbels, chanceler. No dia seguinte, suicidou-se junto com sua mulher, Eva Braun, e Goebbels.

A capitulação final e incondicional da Alemanha veio em 7 de maio de 1945, formalizada pelo general Jodl e pelo almirante Von Freideburg. No dia seguinte, deu-se a segunda capitulação, firmada pelo marechal Keitel perante o marechal soviético Zukov, no quartel-general deste, em Berlim. O que sobrava do III Reich foi destruído em 23 de maio, com a deposição do governo de Doenitz.

6. O Pacífico e a era atômica

O pacto anti-Komintern, a aliança japonesa com o Eixo e, depois, o pacto de não-agressão com a União Soviética, favoreceram a ação japonesa na Ásia e no Pacífico. Depois de formar em

Nanquim um governo chinês favorável a si, o Japão chegou a bloquear a rota da Birmânia e a ocupar o norte da Indochina. A China de Chang Kai-chek ficou isolada e a expansão japonesa se orientou no sentido da Malásia e da Indonésia, ricas em matérias-primas. Os americanos então romperam os acordos comerciais, bloqueando o fornecimento de petróleo ao Japão, a fim de lhe debilitar a indústria e congelou seus créditos nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Índias Holandesas. Mas a tentativa americana de tirar o Japão da China fracassou.

Depois de Pearl Harbor, a ofensiva dos japoneses generalizou-se, em três direções: Ilhas Filipinas e Índias Holandesas, o que os conduziria a fontes de matérias-primas estratégicas; para oeste, ocupando Hong Kong, Cingapura e Birmânia, em direção à Índia, onde seriam bloqueados; e a leste, ocupando vasto espaço na Oceania, a ilha de Guam, Nova Guiné, ilhas Salomão e Aleutas.

A conquista não levou mais que seis meses, graças a ataques combinados e de surpresa do exército, armada e aviação. Em 1942, os japoneses controlavam 450 milhões de habitantes, 95% da produção mundial de borracha e 70% da de arroz e estanho. Controlava poços de petróleo e jazidas de bauxita e cromo suficientes para suas necessidades.

Em 1942, os Estados Unidos iniciaram a contra-ofensiva. Em maio, detiveram a expansão japonesa rumo ao sul, na *Batalha do Mar de Coral*. Em 1943, a iniciativa passou aos americanos, liderados pelo general MacArthur, símbolo da resistência no Pacífico. Em vão a força aérea japonesa tentou destruir a frota americana. No Pacífico central, avançavam as forças do almirante Nimitz, que se reuniriam às de MacArthur em outubro de 1944. Em 1945, tropas americanas, britânicas e chinesas reabriram a rota da Birmânia e reconquistaram também as Filipinas; destruíram três exércitos japoneses. Em 19 de fevereiro, ocorre o primeiro desembarque americano em solo japonês: Iwojima.

Os americanos apertaram o cerco, bombardeando cidades industriais. Os japoneses insistiam na luta, com marinha e aviação destruídas. Os Aliados ainda sofriam perdas graças apenas aos pilotos suicidas, os *kamikazes*, que se atiravam com avião e tudo sobre os encouraçados. A guerra poderia prolongar-se. Com esta justificativa, os Estados Unidos lançaram sobre cidades japonesas um tipo de arma até então desconhecida, de poder destrutivo que a humanidade jamais havia sonhado: a bomba atômica. A primeira, sobre Hiroxima, em 6 de agosto de 1945, matou 100 000 pessoas e feriu outro tanto; dois dias depois, mais 200 000 vítimas em Nagasaki.

Em 2 de setembro de 1945, a bordo do encouraçado *Missouri*, os japoneses se renderam ao general MacArthur. Acabava a II Guerra Mundial. E começava uma nova era: a era atômica.

Questões propostas

1. Resuma os fatores que criaram condições para a eclosão da II Guerra Mundial.

2. Destaque os três blocos em que a Europa se via dividida a partir de 1930, polarizando as tensões políticas internacionais.

3. O que se denominou de Eixo?

4. Resuma a escalada de Hitler de 1938 até provocar, em 1939, a declaração de guerra da Inglaterra e da França.

5. Que passos tomou Hitler até voltar-se para o leste e atacar a União Soviética? Como se comportaram França e Inglaterra?

6. Com base em que se pode afirmar que a derrocada da Alemanha começou quando resolveu atacar a União Soviética?

7. O que precipitou a entrada dos americanos na guerra?

8. Resuma a reviravolta que levou os alemães à derrota. O que aconteceu a Hitler?

9. Resuma: a guerra no Pacífico.